



RANSOM RIGGS



AS DESOLACÕES DO RECANTO DO DEMÔNIO

==== LIVRO VI DA SÉRIE ====

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

==== PARA CRIANÇAS PECULIARES ====



intrínseca



RANSOM RIGGS



AS DESOLACÕES DO RECANTO DO DEMÔNIO

==== LIVRO VI DA SÉRIE ====

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

==== PARA CRIANÇAS PECULIARES ====

Tradução de Giu Alonso e Rayssa Galvão



Copyright © 2021 by Ransom Riggs

Selo sobre as fotos das páginas 313, 319 e 350 e imagem da capa dura © 2018 by Chad Michael Studio

Foto de homem ao lado de computador na página 37 © 2021 by Steve Ciarcia

Imagem de cabeça de urso e de antílope nas páginas 264 e 265 © EVGENY LASHCHE-NOV / 123RF.com

Cabeças de carneiro nas páginas 264 e 265 © acceptphoto / 123RF.com

Arte do pôster na página 382 © Natalia Chernyshova / 123RF.com

Original editado por Julie Strauss-Gabel

TÍTULO ORIGINAL

The Desolations of Devil's Acre

PREPARAÇÃO

Clara Alves

REVISÃO

Carolina Vaz

PROJETO GRÁFICO

Anna Booth

ARTE DE CAPA

Lindsey Andrews

FOTOS DE CAPA

Frete: © The Thanatos Archive e da coleção de Ransom Riggs

Quarta capa: das coleções de John Van Noate e Ransom Riggs

DIAGRAMAÇÃO, ADAPTAÇÃO DE CAPA, DE PROJETO GRÁFICO, DE IMAGENS E DE LETTERING
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R426d

Riggs, Ransom, 1979-

As desolações do Recanto do Demônio / Ransom Riggs ; tradução Giu Alonso, Rayssa Galvão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

480 p. : il. ; 23 cm. (O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares ; 6)

Tradução de: The desolations of devil's acre

Sequência de: A convenção das aves

ISBN 978-65-5560-305-7

1. Ficção americana. I. Alonso, Giu. II. Galvão, Rayssa. III. Título. IV. Série.

21-72230

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Jaz muito tempo que há apenas escuridão, o som distante de trovão e a sensação nebulosa de queda. Além disso, não tenho um eu, não tenho um nome. Não tenho memória. Resta uma vaga noção de que eu costumava ter essas coisas, mas elas se foram, e agora eu sou quase nada. Um único fóton de luz fraca circundando um vazio esfomeado.

Não vai demorar muito mais.

Acho que infelizmente perdi minha alma, mas não lembro como. Tudo o que consigo lembrar são trovões lentos e rimbombantes, se revolvendo, carregando as sílabas do meu nome, fosse qual fosse, prolongando-as até ficarem irreconhecíveis. Por muito tempo, isso e a escuridão são tudo o que existe, até que outro som se junta ao trovão: o vento. Depois também vem a chuva. Há vento, trovão, chuva e a queda.

Algo começa a surgir, uma sensação de cada vez. Estou saindo da trincheira, me libertando do vazio. Meu único fóton se torna um aglomerado piscante.

Sinto algo áspero no rosto. Ouço o ranger de cordas. Algo se sacudindo ao vento. Talvez eu esteja em um barco. Preso nas entranhas sem luz de algum navio assolado pela tempestade.

Um olho se abre. Silhuetas se agitam vagamente acima de mim. Uma fileira de pêndulos oscilantes. Relógios de pé fora de sincronia, com as cordas apertadas demais, gemendo, as engrenagens prestes a se quebrarem.

Pisco, e os pêndulos se transformam em corpos pendurados na força, sacudindo as pernas, se retorcendo.

Descubro que posso virar a cabeça. Silhuetas borradas começam a se revelar. Um tecido verde áspero passa em meu rosto. Acima, os corpos que tiquetaqueavam se tornaram uma fileira de plantas devastadas pela tempestade, dentro de cestos de vime que rangem quando balançam ao vento. Mais atrás, uma parede formada por uma tela mosquiteiro tremula e se agita.

Estou deitado em uma varanda. No chão verde e áspero de uma varanda.

conheço esta varanda

conheço este chão

Mais longe, um gramado açoitado pela chuva termina em uma parede escura de palmeiras inclinadas.

conheço aquele gramado

conheço aquelas palmeiras

Há quanto tempo estou aqui? Quantos anos?

o tempo voltou a pregar peças

Tento mover o corpo, mas só consigo girar a cabeça. Meus olhos se voltam para uma mesa quadrada e duas cadeiras dobráveis. De repente, tenho certeza de que, se conseguisse me levantar, veria um par de óculos de leitura sobre a mesa. Um tabuleiro de *Banco Imobiliário* com o jogo em andamento. Uma caneca de café fumegante.

Alguém acabou de sair daqui. Palavras acabaram de ser ditas. Ainda pairam no ar, chegando até mim em ecos.

— Que *tipo* de pássaro? — A voz é de um menino. *Minha voz.*

— Um falcão grande que fumava cachimbo. — Uma voz mais grave, com sotaque. A voz de um velho.

— Você deve me achar muito burro — responde o menino.

— Eu nunca pensaria isso de você.

O menino fala de novo:

— Mas por que os monstros queriam machucar você?

A cadeira arranha no chão quando o velho a empurra para se levantar. Ele diz que vai pegar alguma coisa para me mostrar. Algumas fotos.

há quanto tempo foi isso

um minuto

uma hora

Tenho que me levantar, ou ele vai ficar preocupado. Vai pensar que é alguma pegadinha, e ele não gosta de pegadinhas. Uma vez, de brincadeira, me escondi na floresta; quando ele não conseguiu me encontrar, ficou vermelho de tanta raiva e começou a gritar vários palavrões. Mais tarde, explicou que era porque estava com medo, mas não quis me dizer do quê.

Chove torrencialmente. A tempestade é viva e raivosa e já abriu um talho na tela mosquiteiro. O pedaço meio solto se sacode como uma bandeira em um vendaval.

tem alguma coisa errada comigo

Eu me apoio no cotovelo, mas é tudo o que consigo fazer. Há uma marca preta e estranha no chão. Uma linha queimada ao meu redor, traçando o contorno do meu corpo.

Tento me sentar.

Círculos escuros flutuam na minha visão.

Um barulho estrondoso ecoa de repente. Tudo fica branco e ofuscante.

tão brilhante tão perto tão alto

Pareceu uma explosão, mas não foi. Foi um relâmpago que caiu logo ali fora, tão perto que o raio e o trovão foram simultâneos.

Agora estou sentado direito, o coração martelando. Ergo a mão trêmula diante dos olhos.

Minha mão parece estranha. É grande demais. Os dedos são muito longos. Pelos pretos brotam nas falanges, entre os nós dos dedos.

cadê o garoto eu não sou o garoto? eu não gosto de pegadinhas

Linhas finas e levemente vermelhas circundam o pulso.

algemas preso à grade da varanda durante uma tempestade

Consigo ver a mesa; está vazia.

Não tem xícara de café. Não tem óculos.

ele não vai voltar

Mas, então, mesmo sendo impossível, ele volta. Ele está lá fora, na orla da floresta. Meu avô. Caminhando na grama alta, as costas curvadas contra o vento, a capa de chuva amarela se destacando na escuridão das palmeiras, o capuz encobrendo o rosto, para proteger os olhos da chuva forte.

o que ele está fazendo lá fora por que não entra

Ele para. Olha para baixo, para algo na grama alta demais.

Levanto a mão. Chamo seu nome.

Ele endireita as costas, e só então percebo: sua imagem está completamente errada. O corpo é magro demais. O andar, ágil demais para um velho com artrite no quadril.

porque não é ele

Ele corre até mim, até a casa, até a tela rasgada se balançando.

a tempestade não fez isso

que tipo de monstro?

curvado e horrível com pele podre e os olhos pretos semicerrados

Estou de pé quando ele abre a porta de tela e para na soleira.

— Quem é você? — pergunta.

A voz inalterada, tensa. Ele puxa o capuz da capa de chuva. Tem uns quarenta anos, o queixo pontudo acentuado pela barba ruiva aparada, os olhos ocultos por trás de óculos escuros.

É uma experiência tão esquisita estar de pé e na presença de outra pessoa que mal consigo registrar a estranheza de ele estar usando óculos escuros durante uma tempestade.

— Yakob — respondo automaticamente, e só percebo que está errado ao me ouvir dizê-lo em voz alta.

— Eu sou da imobiliária — explica ele, mas sei que é mentira. — Vim fechar as janelas por causa da tempestade.

— Você está um pouco atrasado — respondo.

Ele entra lentamente, como se estivesse se aproximando de um animal arisco. A porta de tela se fecha com um chiado. Ele vê a marca de queimado no chão, então volta o olhar frio para mim.

— Você é ele — diz, passando os dedos na mesa quadrada enquanto avança na minha direção com as botas pretas pesadas. — Jacob Portman.

Meu nome. É esse meu nome. Algo borbulha na trincheira, lá na escuridão.

uma boca horrível se formando nas nuvens em movimento, trovejando meu nome

uma garota linda de cabelo preto ao meu lado gritando

— Acredito que tenha conhecido um amigo meu — diz o homem. Há veneno em seu sorriso. — Ele tinha muitos nomes, mas você o conhecia como dr. Golan.

a horrível boca de nuvens

uma mulher se contorcendo na grama

As imagens surgem na minha mente de supetão, como um soco. Cambaleio para trás até bater em uma porta de vidro deslizante. O homem pega alguma coisa do bolso enquanto se aproxima. Uma caixinha preta com presas de metal.

— Vire-se de costas — ordena.

De repente, compreendo que há muito em risco, que preciso me defender. Então finjo ceder, dócil, erguendo as mãos em rendição, ainda de frente para ele. Quando o sujeito se aproxima, baixo os punhos direto em sua cara.

O homem dá um grito, seus óculos saem voando. Os olhos por trás das lentes escuras são ovos brancos e brilhantes enterrados no crânio, carregados de assassinato. Ouço um estalo alto quando um fio de luz azul surge entre as presas da caixinha preta.

Ele avança.

Sinto um choque, uma queimadura, quando o sujeito encosta aquele *taser* em mim, e sou lançado para trás, contra a porta de vidro. Não sei como, mas o vidro não quebra.

O homem está em cima de mim. Ouço o ruído do *taser* carregando. Tento arremessar aquilo para longe, mas eu também estou recarregando minhas energias, ainda estou fraco. A dor se espalha pelo meu ombro, pela minha cabeça.

Ele então estremece e dá um grito, depois fica mole, e sinto algo quente escorrendo pelo pescoço.

Estou sangrando. (Estou sangrando?)

O homem se agarra a alguma coisa e cai. A coisa tem um punho de bronze e se projeta uns quinze centímetros pelo pescoço dele.

Tem uma nova escuridão estranha atrás dele, uma sombra viva, de onde desponta a mão que pega o pesado cinzeiro do meu avô e acerta a cabeça do sujeito.

O homem solta um gemido e desmaia. Uma garota sai da sombra.

A garota — aquela de antes — de longos cabelos negros emaranhados e molhados pela chuva, usando um casaco preto comprido e manchado de terra, os olhos negros profundos e cheios de medo, procurando meu rosto, então reluzindo com uma fagulha de reconhecimento. E, embora ainda não tenha me lembrado de tudo, embora minha mente ainda esteja girando, sei que o que está acontecendo é um milagre, que é incrível estarmos vivos e aqui, não no outro lugar.

meu Deus

tantos horrores que não consigo nem listar

A garota está no chão comigo, ajoelhada, me abraçando. Meus braços envolvem o pescoço dela como se fosse uma boia salva-vidas. Seu corpo está tão frio que a sinto tremer enquanto nos abraçamos.

Sem afrouxar o aperto, ela diz meu nome. Repete várias vezes, e, a cada repetição, o Momento Presente ganha mais peso, fica mais sólido.

— Jacob! Jacob! Você se lembra de mim?

O homem geme no chão. A estrutura de alumínio da tela mosquiteiro da varanda também geme, e a tempestade, o clima raivoso que parece que trouxemos de algum outro lugar, também geme.

Começo a me lembrar.

— Noor — falo. — Noor. Você é Noor.

Em um flash, eu me lembrei de tudo. Tínhamos sobrevivido. Tínhamos escapado da fenda em colapso de V. e estávamos na Flórida, no chão de grama sintética da varanda do meu avô, no presente.

Choque. Acho que eu ainda estava em choque.

Ficamos encolhidos no chão, agarrados um ao outro, enquanto a tempestade rugia, até que os tremores que atormentavam nossos corpos começaram a diminuir.

O homem de capa de chuva amarela permaneceu imóvel, exceto pelo subir e descer constante de seu peito. O sangue encharcava a grama sintética ao redor dele, formando uma piscina pegajosa. O cabo de bronze da arma que Noor ficara nele ainda se projetava do pescoço.

— Isto era o abridor de cartas do meu avô — comentei. — E esta era a casa dele.

— Seu avô. — Ela se afastou, mas só o suficiente para me encarar. — O que morava na Flórida?

Fiz que sim. Um trovão retumbou, sacudindo as paredes. Noor olhava em volta, balançando a cabeça em dúvida. *Isso não pode ser real*. Eu sabia exatamente como ela se sentia.

— Como?

Indiquei o contorno queimado no chão.

— Eu acordei ali. Não tenho ideia de quanto tempo fiquei apagado. Nem sei que dia é hoje.

Noor esfregou os olhos.

— Minha cabeça está uma confusão — falou. — Tudo parece fora de ordem.

— Qual é a última coisa que você lembra?

Ela franziu o cenho, se concentrando.

— Fomos ao meu antigo apartamento. Depois, estávamos dirigindo... — Ela ia falando devagar, como se estivesse tentando se lembrar de um sonho. — E estávamos em uma fenda... Encontramos a fenda de V.! E estávamos fugindo de uma tempestade... Não, de um tornado!

— Acho que eram dois tornados, não?

— E então a encontramos! Não foi? Nós a encontramos! — Ela segurou minhas mãos e as apertou de leve. — E então...

As mãos afrouxaram o aperto, o rosto inexpressivo. Os lábios se abriram, mas nenhuma palavra saiu. Os horrores estavam voltando à sua mente, desabando sobre ela.

E sobre mim também.

Murnau. Faca na mão, agachado sobre V., na grama. O braço erguido em triunfo enquanto corria na direção do redemoinho.

O calor inundou meu peito e quase me sufocou por um momento. Noor enterrou o rosto entre os joelhos e começou a se balançar.

— Ai, meu Deus! — gemeu. — Ai, meu Deus, meu Deus, meu Deus...

Ela parecia prestes a se dissolver diante dos meus olhos, ou a explodir em chamas, ou a sugar toda a luz do lugar.

Mas, depois de um momento, ergueu a cabeça.

— Por que não estamos mortos?

Meu corpo estremeceu em um tremor involuntário.

Talvez a gente esteja.

Até onde sei, fomos esmagados pelo colapso da fenda de V., exatamente como Caul queria que acontecesse. A própria Noor parecia a única evidência concreta de que aquilo que eu estava vivendo era mais que apenas um buraco de memória no purgatório, as últimas fagulhas de um cérebro moribundo.

Não. Afastei o pensamento. Estamos aqui e estamos vivos.

— Ela conseguiu tirar a gente de lá, não sei como — falei. — Ela trouxe a gente para cá.

— Deve ter sido por alguma saída de emergência. Um botão de ejeção. — Noor assentia, massageando as mãos. — Só pode ter sido isso.

Ela nos mandou para a casa do meu avô — a casa de seu mentor, seu chefe. Meu avô a treinara, trabalhara lado a lado com ela. Fazia bastante sentido. O que não fazia sentido era que não havia fenda nenhuma ali. Como ela tinha feito isso?

— Se ela tirou a gente de lá, talvez também tenha conseguido escapar — sugeriu Noor. A esperança despontava em sua voz, mas era uma esperança desesperada, equilibrada no fio de uma navalha. — Talvez ela esteja aqui. Talvez ela ainda esteja...

Noor não teve coragem de completar: *viva*.

— Ele tirou o coração dela — respondi, baixinho.

— Dá para viver sem coração. Pelo menos por um tempo...

Ela acenou com a mão trêmula.

Tínhamos acabado de recuperar a noção de realidade, e ela já estava perdendo o controle de novo.

— Vamos, vamos, temos que ver... — ela ia dizendo, já de pé, as palavras vindo rápidas. — Se tiver alguma chance, temos que...

— Espere um pouco, a gente não sabe o que tem...

Lá dentro, eu queria dizer. *Esperando por nós*.

Mas Noor já tinha corrido para dentro da casa escura.



Apoiei uma das mãos na parede e me levantei, cambaleante. Noor estava sucumbindo, e eu não podia perdê-la de vista. Ela se agarrava a essa esperança doida de que V. pudesse estar viva para se manter forte, para afastar o desespero que ameaçava esmagá-la. Mas eu temia que seria ainda mais devastador quando essa esperança fosse, inevitavelmente, soterrada. E eu não podia deixar Noor Pradesh sucumbir.

Se a tarefa vil de Murnau tivesse sido bem-sucedida, se o que eu vi se materializar naquele tornado — o rosto de Caul nas nuvens rodopiantes, sua voz quebrando o ar — fosse real, se ele estava bem e de volta, as previsões mais terríveis da profecia começavam a se tornar realidade. O que significava que todos os peculiares estavam prestes a ser enterrados. Só Deus sabia do que Caul era capaz, agora que consumira um dos jarros mais poderosos da Biblioteca de Almas, para depois ser esmagado no desabamento e, então, ressuscitado.

Renascido.

Eu me tornei a Morte, a destruidora de mundos.

Por pior que fosse ou que pudesse ser, eu sabia de uma coisa: o mundo precisava de Noor Pradesh. Ela era uma dos sete. Uma dos peculiares cujo nascimento estava na profecia, peculiares capazes de emancipar todos os peculiares — *de Caul?* —, capazes de selar a porta — *para onde? O inferno?* Por mais bizarro que tudo aquilo parecesse, não era mais bizarro do que as partes da profecia do Revelador que já haviam se cumprido. Para mim, não restavam mais dúvidas. Também não duvidaria mais dos meus próprios olhos.

Aquilo não era um sonho, nem o último devaneio de uma mente moribunda. E tive ainda mais certeza disso quando tropecei no trilho da porta deslizante que dava para a sala. A casa estava exatamente como eu e meus amigos a deixamos da última vez que estivemos ali, algumas semanas antes: arrumada às

pressas e quase vazia, os livros que meu pai não tinha jogado fora colocados de volta nas prateleiras, o lixo que antes estava espalhado pelo chão continuava enfiado nos sacos pretos. O ar parado era sufocante.

Noor foi de um canto a outro, procurando por V. Ela arrancou um lençol que cobria o sofá e subiu no móvel, preparando para pular a janela. Consegui segurá-la antes que fizesse isso e já ia dizendo “Espera...”, quando um trovão estrondoso me interrompeu, nos sobressaltando.

Olhamos através do vidro embaçado pela chuva. O quintal estava coberto de lixo. As casas do outro lado da rua sem saída estavam fechadas e escuras. Um bairro morto.

Mesmo assim...

— Aquele acólito não devia estar sozinho — falei. — Outros podem chegar a qualquer instante.

— Eles que venham aqui. — Os olhos dela eram cacos de gelo. — Não vou embora até ter revistado cada quarto. Cada armário.

Assenti.

— Nem eu.

Não tinha ninguém no quarto. Ninguém embaixo da cama. Parecia idiota me ajoelhar para confirmar, como uma criancinha procurando o bicho-papão, mas o fiz mesmo assim. Vi uma marca retangular no carpete, onde meu avô guardava a velha caixa de charutos que encontrei depois que ele morreu, repleta de fotos que mudariam para sempre o curso da minha vida. Mas não vi nenhum indício de V., viva ou morta. Ninguém no armário. Ninguém no banheiro, onde Noor puxou a cortina do chuveiro e encontrou apenas um sabonete velho e ressecado.

Não tinha nada no quarto de hóspedes, só uma pilha de caixas de mudança vazias e manchas de mofo escuro no carpete. Eu sentia o desespero de Noor crescer. Quando chegamos à garagem, ela chamou mais uma vez por V. Aquilo estava me matando, partindo meu coração. Acendi as luzes.

Encaramos a confusão de lixo descartado e projetos que meu avô nunca terminara, todos ainda esperando conserto: duas escadas, cada uma faltando um degrau. Uma velha televisão quadrada de tubo com a tela rachada. Rolos de arame e de corda. A bancada de trabalho do vovô, cheia de ferramentas e revistas de marcenaria. Revivi a lembrança de nós dois ali, ombro a ombro sob a luz de uma luminária de cabo flexível, usando alfinetes para prender fios vermelhos em um mapa. O menino pensava que aquilo era só uma brincadeira, uma história.

A tempestade ficou mais forte e sacudiu a porta da garagem, me trazendo de volta ao presente. Vi o armário de armas do meu avô, a única coisa grande o suficiente para esconder uma pessoa. Noor chegou primeiro e puxou as portas. Elas se abriram apenas um centímetro, esticando uma corrente. Alguém, quase certamente meu pai, trancara o armário com um cadeado. Pela fresta, dava para ver uma fileira de canos de rifle bem lubrificadas. As armas que poderiam ter salvado meu avô, se eu não tivesse levado a chave.

Noor afastou a cabeça, surpresa, então deu meia-volta e, sem dizer uma palavra, correu de novo para dentro da casa. Fui atrás, seguindo-a até o escritório do meu avô, o único aposento que ainda não tínhamos revistado. A sala onde Olive batera os pés no chão até encontrar um local que soasse oco, depois rolara o tapete e descobrira um alçapão no chão, que dava para um bunker.

Um bunker que V. provavelmente conhecia, cujo código de acesso talvez até soubesse.

Tentei dizer aquilo a Noor, gritando por cima do rugido crescente da tempestade e dos gritos da própria Noor — *Você está aqui? Mãe, cadê você?* —, mas ela não me ouvia nem olhava para mim. Empurrou a mesa vazia de Abe para o lado e correu para abrir o armário minúsculo, então desisti e afastei o tapete pesado sozinho, tentando lembrar onde ficava a porta com dobradiças. Mas eu estava desesperado e não conseguia encontrar.

Só que V. não estava no escritório. E concluí que também não estava no bunker. Não podia imaginá-la fugindo até ali só para se abrigar no bunker e nos impedir de entrar. Então, quando Noor saiu correndo, eu me levantei e fui atrás.

Eu a encontrei no meio da sala, imóvel como uma estátua, ofegante, mas concentrada. Ela gesticulou para que eu me aproximasse.

— E se nós tivermos chegado juntos? — perguntou, baixinho, os olhos fixos em um ponto no canto da sala. — E se estivéssemos à mesma distância um do outro que lá, na varanda de V.? — Ela ergueu o braço. — Ali. Foi ali que eu acordei. — Indicou o canto onde ficava a velha poltrona reclinável do meu avô. No chão, ao lado, havia um contorno queimado, mais ou menos na forma de Noor. — E você acordou ali. — Ela apontou na direção da porta, para a tela da varanda, onde meu contorno queimado desaparecia sob a poça de sangue do acólito. — É exatamente a distância que a gente estava um do outro lá na varanda de V. Você estava algemado à grade, bem ali, e eu estava aqui.

Senti uma faísca, uma aceleração.

— E V. estava na grama — concluí.

Nós dois erguemos o olhar para a tela da varanda que se balançava ao vento, para o quintal coberto de mato e a grama alta lá perto da floresta, onde o homem de capa de chuva amarela tinha parado e olhado para baixo.

— Bem ali — sussurrei.

Nós dois nos demos conta ao mesmo tempo. E, juntos, corremos para a tempestade.

COM UMA COMBINAÇÃO ENCANTADORA DE MISTÉRIO, ROMANCE, AVENTURA, VIAGEM NO TEMPO E UMA SOMBRIA SELEÇÃO DE FOTOGRAFIAS ANTIGAS, A SÉRIE *O LAR DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES* TORNOU-SE UM SUCESSO ABSOLUTO E CONQUISTOU MILHÕES DE LEITORES, COM MAIS DE 600 MIL EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL.



Agora, chegou o momento de conhecer o que o destino reservou para Jacob Portman e seus amigos peculiares.

No sexto e último livro da série, *As desolações do Recanto do Demônio*, Jacob e Noor estão de volta ao lugar onde tudo começou: a casa de seu avô. Os dois não fazem ideia de como escaparam da fenda de V. e foram parar na Flórida, mas de uma coisa têm certeza: Caul ressuscitou do mundo dos mortos. Após fugirem de um etéreo sedento por sangue, eles vão ao encontro da srta. Peregrine e dos amigos no Recanto do Demônio. O lugar tem sido assolado por pragas inimagináveis, desolações na forma de chuvas de cinzas, sangue e ossos, uma demonstração assustadora da força do exército maldito que Caul, mais perigoso do que nunca, vem reunindo para destruir de vez os peculiares.

O apocalipse se aproxima, e só os sete peculiares citados na profecia podem impedi-lo. O problema é que, além de Noor, não se sabe quem são os outros seis e muito menos onde encontrá-los. Agora, os peculiares e as *ymbrynes* precisam correr contra o tempo, decifrar pistas enigmáticas e garantir que a menina chegue em segurança a um lugar misterioso, onde se reunirá com os outros escolhidos.

Na conclusão épica e emocionante da série *O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares*, o futuro está em risco, e Jacob e seus amigos precisarão se unir para atravessar uma das fendas temporais mais sombrias da história e enfrentar o poder avassalador de seu maior inimigo.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1099/>